

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA



Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)
Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail: cbha.secretaria@gmail.com

Os túmulos castilhos do Amapá: uma análise reflexiva a partir da decolonialidade

Tiago Vargês da Silva, Universidade Federal de Goiás/
ORCID 0000-0002-9468-9560
tiagovargês@gmail.com

Resumo

Os túmulos castilhos é uma tipologia tumular característica dos cemitérios amapaenses confeccionados em madeira e apresentam formatos variados. Este texto, tem por objetivo apresentar alguns exemplares destes túmulos a partir de uma reflexão sobre os limites teóricos e metodológicos que, até então, têm direcionado as pesquisas acerca do campo dos estudos cemiteriais, que por sua vez, foram fundados nas análises dos cemitérios monumentais característicos dos séculos XIX e XX. No entanto, com o alargamento das pesquisas cemiteriais, novos contextos geográficos considerados até então periféricos, como o interior dos estados amazônicos, passaram a ser objetos de análises, como é caso de cemitérios rurais e ribeirinhos. Assim, tomando como ponto de reflexão os túmulos castilhos, propomos refletir sobre a necessidade de descolonizar as concepções acerca da arte funerária.

Palavras-chave: Cemitérios. Túmulos castilhos. Arte funerária. Decolonialidade. Amapá.

Abstract

Castilhos tombs is a tumular typology characteristic of Amapa cemeteries made of wood and have varied shapes. This text, aims to present some copies of these tombs from a reflection on the theoretical and methodological limits that, until then, have directed research on the field of cemiterial studies, which in turn, were based on the analyses of monumental cemeteries characteristic of the nineteenth and twentieth centuries. However, with the expansion of the cemetery research, new geographical contexts considered peripheral until then, such as the interior of the Amazonian states, have become objects of analysis, such as rural and riverside cemeteries. Thus, taking as a point of reflection the castilhos tombs, we propose to reflect on the need to decolonize the conceptions about funeral art.

Keywords: Cemeteries. Castilho tombs. Funeral art. Decoloniality. Amapá.

Introdução

Os cemitérios amapaenses são formados por uma diversidade de túmulos, caracterizados por uma arte funerária vernacular bastante diversificada no uso de materiais como madeira e pedra. Neles predominam elementos da cultura e da arte tradicional ribeirinha construída por mulheres e homens que, por distintas circunstâncias históricas, se estabeleceram no território amapaense ao longo dos séculos XIX e XX, e que introduziram nos espaços cemiteriais elementos de sua arte funerária construindo, assim, uma “nova visualidade” a um território dotado de um discurso estético muito peculiar. O presente texto tem por objetivo apresentar alguns exemplares destes túmulos, a partir de uma reflexão sobre o conceito de arte funerária (BORGES, 2017) e arte popular (CANCLINI, 1977).

Com o alargamento das pesquisas, novos contextos culturais e geográficos, considerados até então como periféricos, como o interior dos estados amazônicos, passaram a ser objetos de análises. Cemitérios quilombolas, rurais, ribeirinhos e cemitérios municipais localizados em zonas urbanas periféricas, passaram a ser estudados como espaços que possuem arte funerária, e que por muito tempo foi ignorada como elemento artístico ou visto como uma arte marginal, secundária. A arte funerária “[...] é um tipo de construção repleta de simbolismo facilmente assimilado pelo grande público. A maioria da simbologia adotada concentra-se nos tipos de adornos utilizados [...] para completar a feitura do túmulo” (BORGES, 2017, p. 244).

Nestes cemitérios do Amapá não encontramos esculturas em mármore, nem mausoléus suntuosos, - estruturas funerárias características dos cemitérios monumentais construídos na Europa ao longo dos séculos XIX e XX e conseqüentemente replicados em diversos países como é o caso do Brasil - , seus túmulos são feitos com materiais populares, de fácil acesso, como a madeira, pedra local e materiais plásticos, confeccionados por artesãos, carpinteiros e pedreiros da região. Como define García Canclini, “el arte popular el que consume el pueblo [...] el que produce” (1977, pg. 182). São, pois, expressões das suas crenças e dos seus dilemas do cotidiano. Uma arte gestada a partir do conhecimento popular, em que os elementos são feitos com materiais da região, como madeira e pedra, confeccionados por mulheres e homens sem formação acadêmica, que se valem do conhecimento empírico, da experiência acumulada ao longo do tempo.

Essas estruturas funerárias aparentemente simples, considerando a sua arquitetura, têm um rico e complexo significado histórico e cultural. De acordo com Borges e Castro (2022), podemos definir *arquitetura funerária popular*, como aquela que:

[...] é antes de tudo engenhosa, pois costuma contornar a falta de recursos materiais ou de acesso às empresas especializadas e produzir obras *sui generis*. Na arquitetura funerária popular encontramos monumentos que não dispõem, por exemplo, de projetos de arquitetura, mas que atendem às necessidades e são portadores de valores dos clientes na construção de espaços funcionais repletos de símbolos de variados tipos e formatos e de fácil assimilação (BORGES; CASTRO, 2022, p.21).

Dentre as diversas tipologias tumulares que encontramos nos cemitérios amapaenses, os túmulos castilhos são os mais comuns. São estruturas retangulares, feitas em madeira, que cobre toda extensão das sepulturas, estas geralmente colocados a partir do sétimo dia de inumação em caráter provisório, pois após o período de nove meses a um ano a sepultura está compactada o bastante para erigir uma estrutura de alvenaria. Os castilhos estão presentes em todo o Amapá, porém, há singularidades significativas de uma região para outra, na maneira como são construídos. Existem três modelos predominantes de castilhos: o simples, chamado somente de castilho, o gradeado e o trançado, modelos aos quais vamos analisar no decorrer do texto.

Tomando como ponto de reflexão os castilhos, propomos refletir sobre os elementos artísticos encontrados nos cemitérios amapaenses. Dessa forma, o interesse consiste em compreender como a arte funerária presente, nas suas mais diversas expressões, é empregada nos espaços cemiteriais do estado do Amapá e como essa produção artística de cunho popular, pode contribuir para um melhor entendimento das atitudes desta sociedade perante a morte.

Os túmulos castilhos dos cemitérios amapaenses

Os cemitérios do estado do Amapá podem ser divididos em duas categorias tipológicas: cemitérios públicos e cemitérios comunitários. O primeiro grupo é composto pelos cemitérios ribeirinhos e quilombolas e o segundo grupo pelas necrópoles municipais, que, no caso de Macapá, agregam, também sob a gestão da prefeitura, os cemitérios israelitas com túmulos que datam do final do século XIX. Estes cemitérios estão presentes em todos os municípios amapaenses.

A palavra cemitério (do grego Koimetérion, de Kiomão, eu durmo e do latim Coemeterium) designava, a princípio, o lugar onde se dormia, quarto dormitório, poética para os peregrinos, foi sobre a influência das ideias cristãs que tomou, nos primeiros séculos de nossa era, o novo sentido de campo de descanso após a morte, onde se esperava a ressurreição quando soar hora do Juízo Final. A palavra cemitério aplica-se, propriamente, a um lugar em que é dada a sepultura por inumação por enterramento direto no solo. (LOUREIRO, 1977, p. 28).

Os cemitérios ribeirinhos, como os quilombolas, fazem parte dos Cemitérios Comunitários. Esses pequenos sítios funerários estão presentes em todos os

municípios do Amapá. São feitos e cuidados pelos integrantes das comunidades. Essas comunidades são caracterizadas historicamente pela atividade extrativista ao longo dos rios Amazônicos.

As populações tradicionais não-indígenas na Amazônia caracterizam-se, sobretudo, por suas atividades extrativistas, de origem aquática ou florestal terrestre, onde vivem em sua maioria, à beira de igarapés, igapós, lagos e várzeas. Quando as chuvas enchem os rios e riachos, esses inundam lagos e pântanos, marcando o período das cheias que, por sua vez, regula a vida dos ribeirinhos (MENDONÇA et. al., 2007, p. 94-95).

Os cemitérios ribeirinhos estão entre os sítios funerários não indígenas mais antigos do Amapá. Estão às margens dos rios e são pequenos cemitérios construídos geralmente em uma elevação, para preservar o campo das cheias do extenso período chuvoso amazônico. Não há delimitação física do espaço, ou seja, muros e cercas, o perímetro do cemitério é demarcado pela própria vegetação nativa, pois são construídos em clareiras. Não há portão, a entrada principal é demarcada pelo cruzeiro fixado de frente para o rio, pois os rios eram as principais vias de acesso das comunidades ribeirinhas do Amapá, e em muitos locais continuam sendo. O trapiche integra a estrutura do cemitério ribeirinho, tem a função prática de demarcar a frente do cemitério e a ligação com o rio.

Estes cemitérios são pequenos, pois serviam apenas à comunidade local. Cada comunidade ou localidade tem o seu próprio cemitério. É comum o uso de madeira e pedra como o principal material para construção e ornamentação dos túmulos e a cruz latina é o principal elemento de adorno destes cemitérios. Os túmulos são confeccionados por artesãos locais que se dedicam à construção desses artefatos funerários como uma atividade familiar. Um túmulo pode ser definido, como: “[...] uma construção erguida, em memória de alguém, no lugar onde se acha sepultado. A construção pode cobrir o espaço da sepultura ou delimitá-la podendo ainda conter cabeceira ou lápide horizontal” (CASTRO, 2017, p. 48).

Estes cemitérios apresentam uma ampla variedade cultural, característica histórica da ocupação do território amapaense que, desde a colonização, recebeu povos de diversas culturas e religiões, como é o caso dos europeus e africanos que, juntamente com a cultura indígena, foram agentes de um processo de hibridização cultural. Este conceito é definido por García Canclini (1997) como um sistema de interação de culturas que, combinadas, possibilitam o surgimento de novas estruturas, práticas e objetos culturais. Compreendemos os cemitérios como elementos deste processo de hibridização cultural, mas também como espaço influenciado pelas condições sociais, naturais e materiais do ambiente amazônico.

Compreendemos os cemitérios do Amapá como um dos espaços de memória de grande relevância para a compreensão da História e formação da sociedade amapaense. O cemitério é, por sua vez, um espaço funcional, simbólico e material, conforme Pierre Nora, é um lugar de memória.

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente material, somente em graus diversos. Muitos lugares de aparência puramente material [...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma áurea simbólica [...] só entra na categoria se for objeto de um ritual [...]. Os três aspectos coexistem sempre. É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e a sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vividos por uma pequeno número uma maioria que deles não participou. (NORA, 1993, p. 21-22).

Na cidade de Macapá, capital do estado, há três cemitérios públicos em atividade, são eles: Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição, Cemitério Municipal São José e Cemitério Municipal São Francisco de Assis. O Cemitério Municipal Nossa Senhora da Conceição, localizado no centro da cidade, teve as suas infraestruturas concluídas na década de 1930 e é o primeiro cemitério público do estado, embora haja registro de sepultamento desde o final do século XIX. Essa necrópole foi o primeiro espaço público construído e administrado pelo Estado destinado a inumações no Amapá.

Neste cemitério concentra-se o maior conjunto de túmulos e mausoléus em mármore do Amapá, com uma característica bastante eclética nos padrões tumulares, inclusive um pequeno conjunto de túmulos em Art Nouveau e Art Decó. Essas características fazem deste cemitério o mais tradicional da cidade de Macapá, por seu pioneirismo e por ter em seus mausoléus, túmulos e sepulturas muitas das personalidades da história política e da cultura amapaense.

O cemitério revela esteticamente o próprio inconsciente da sociedade através de uma trama simbólica, estruturada e organizada à volta de certos temas e mitos unificados por esta tarefa: reforçar, depois do caos, o cosmo dos vivos e imobilizar o devir, mesmo que se tenha de recorrer ao contraste (ambíguo) da imortalidade com o curso irreversível do tempo e da vida. (CATROGA, 1999, p. 19).

A maior quantidade de túmulos feitos de madeira na cidade de Macapá é encontrada no Cemitério Municipal São Francisco de Assis, localizado na Zona Norte, região periférica da cidade. Foi inaugurado em 1997 e atualmente é o maior cemitério público do estado do Amapá.

A abundância de madeira torna este material acessível e bastante utilizado na construção civil da região, igualmente na arquitetura funerária. Contudo, o uso da

madeira, nestes casos, atende muito mais a uma necessidade econômica do que ao desejo pessoal pelo material, pois embora a preferência seja pela alvenaria, ornamentada com mármore e porcelanato, as limitações econômicas tornam a madeira a opção mais acessível, tanto na vida para construção da habitação, quanto na morte para a arquitetura tumular.

As cidades amapaenses possuem uma porcentagem considerável de suas construções feitas em madeira, pois esse material é mais barato em relação à alvenaria, e muitas dessas construções são feitas em etapas. No entanto, o objetivo dos moradores dessas residências é um dia poder construir uma casa em alvenaria: a madeira é provisória, o “sonho” é ter uma casa em alvenaria, sonho este que muitos nunca conseguem realizar. Outros vão construindo paulatinamente: desmancham primeiro a sala – cômodo da frente – e refazem-na em alvenaria; depois de um tempo, quando as condições financeiras permitem, seguem fazendo os demais cômodos da casa – é recorrente nunca concluir.

As pessoas morrem e essa situação se repete no cemitério: primeiramente o túmulo em madeira, provisório, como a casa, pois o objetivo é um dia construir um túmulo em alvenaria. Às vezes, o “sonho” em habitar um recinto em alvenaria só acontece na morte, para outros seguem o improvisado.

O cemitério, como afirma Cymbalista (2002), reflete a cidade dos vivos, pois ela é feita pelos vivos e para os vivos, logo, a cidade dos mortos é muito parecida com a cidade dos vivos: mesmos materiais, técnicas de construção e adorno, inclusive alguns problemas são recorrentes também.

Em decorrência da fugaz durabilidade da madeira, é comum a substituição dos túmulos em períodos regulares por túmulos pré-moldados em madeira, prontos para serem usados, nas cores azul para homens e rosa para mulheres. Estes túmulos são chamados popularmente de castilhos. Em determinadas datas, como o Dia de Finados, são retocados pelos familiares ou substituídos por completo. Geralmente são colocados após o sétimo dia da inumação em caráter provisório (Figura 01), pois a intenção é fazer um túmulo em alvenaria. Aqueles que não dispõem de recursos financeiros para construir o túmulo definitivo substituem-nos em datas especiais quando a madeira está deteriorada.



Figura 01. Tiago Varges da Silva. Conjunto de túmulo castilho simples recém-colocados - Cemitério Municipal São Francisco de Assis, Macapá-AP. Fotografia colorida. 2021. Fonte: Acervo do autor.

Estes túmulos pré-moldados estão presentes em quase todos os cemitérios do estado, mas em maior quantidade na região sul, com destaque para os municípios do Laranjal do Jari e Vitória do Jari. Os túmulos apresentam características bastante interessantes sobre a vida do inumado, elementos culturais e sociais como, por exemplo, a visão binária de homem e mulher, que identifica o gênero a partir da cor: azul para masculino e rosa para o feminino. Simbologias religiosas, como a cruz latina para o católico, a Bíblia para o evangélico. A cruz latina é o elemento simbólico preponderante em todos os cemitérios do Amapá.

Simboliza a paixão de Cristo. Conforme a tradição, representa o local em que Cristo foi crucificado e é o símbolo da sorte e da esperança. Muito usada em todos os tipos de túmulo, é atributo de inúmeros santos como Santa Helena, Santa Úrsula, São Jorge e São João Batista. (BORGES, 2017, p. 414-415).

O castilho simples (Figuras 1 e 2) é o modelo de túmulo mais comum, está presente em todos os municípios do estado do Amapá, tanto nas zonas rurais, quanto nas zonas urbanas. Trata-se de uma estrutura retangular que cobre toda a extensão da sepultura, com aproximadamente 15 a 30 cm de altura, pode ser usada tanto para adultos quanto para crianças. No interior dos túmulos são plantados pequenos arbustos ou são preenchidos com flores artificiais, terra, cascalho, areia, pó de serragem colorido, como pode ser observado na figura 02. As flores artificiais são bastantes utilizadas e são colocadas em datas comemorativas, especialmente no Dia de Finados e Dia das Mães, pois no Dia dos Pais e das Crianças os cemitérios amapaenses são pouco visitados.

Os castilhos simples, em sua maioria, são feitos de tábuas de Virola, madeira de baixa durabilidade, quando exposta ao ar livre e, conseqüentemente, de baixo valor comercial.

Cabe aqui ressaltar, que este processo de deterioração é acelerado, considerando as características do clima amazônico, predominante quente e úmido. Entretanto, o uso de uma madeira de pouca durabilidade, para a confecção de castilhos simples, necessariamente, neste caso, não está ligado a questão econômica, mas sim ao ciclo que este túmulo cumpri, como já mencionado, trata-se de um túmulo provisório, sua função, a priori, é demarcar e guardar a sepultura, até o momento em que as condições do solo permitem a construção de um túmulo fixo, em alvenaria sobre, a sepultura, em torno de 9 meses a 1 ano. No entanto, nem sempre, após este ínterim, o túmulo fixo é construído, o que implica, a sua substituição por novo túmulo castilho simples, gradeado ou trançado.



Figura 02. Tiago Vargas da Silva.
Túmulo castilho simples - Cemitério
Municipal São Francisco de Assis,
Macapá-AP. Fotografia colorida. 2021.
Fonte: Acervo do autor.

Há, ainda, singularidades significativas de uma região para outra, na maneira como os túmulos são construídos. Os castilhos gradeados (Figura 03) são mais frequentes nos municípios de Laranjal do Jari, Vitória do Jari, Mazagão, Porto Grande e Pracuúba; em Macapá, no Cemitério São Francisco de Assis. São armações em madeira, em formato retangular, que não seguem um padrão, mas geralmente possuem 180 cm de comprimento por 60 cm de largura e 70 cm de altura, quando se trata de um túmulo para adultos. A cabeceira é demarcada por uma pequena cruz, na qual é registrado o nome do inumado, a data de nascimento e de morte, caso seja católico. E, para o evangélico, uma bíblia, na qual são registradas as mesmas informações.



Figura 03. Tiago Vargas da Silva. Túmulo castilho gradeado - Cemitério Municipal Débora Damascena, Laranjal do Jari-AP. Fotografia colorida. 2021. Fonte: Acervo do autor.

Os castilhos trançados (Figura 04) são encontrados em maior quantidade nos municípios de Laranjal do Jari e Vitória do Jari. De uma feitura mais elaborada, a estrutura retangular tem os seus lados preenchidos por filetes de madeira delicadamente sobrepostos, formando os trançados. Alguns possuem cobertura de madeira, zinco ou telha de fibra de amianto em formato plano ou de telhado de duas águas. Essa prática de cobrir o túmulo está presente em toda região norte do Brasil, e serve como proteção do túmulo e seus adornos contra a severidade do clima amazônico, como observa Borges (2005).



Figura 04. Tiago Vargas da Silva. Túmulo castilho trançado - Cemitério Municipal Débora Damascena, Laranjal do Jari - AP. Fotografia colorida. 2017. Fonte: Acervo do autor.

Esses túmulos são produzidos de forma artesanal ao longo de todo o ano, por carpinteiros e artesãos da região que também empregam esta técnica na construção de moradias, móveis e pequenas embarcações. Os trançados são utilizados nas construções residenciais com objetivos estéticos e para climatização, pois permitem uma melhor ventilação dos ambientes. Essa tipologia tumular, diferente do castilho simples que pode ser confeccionado até mesmo dentro do cemitério, são feitos por artesãos em suas oficinas e sob encomenda específica.

Considerações finais

Os cemitérios do Amapá não possuem esculturas em mármore, nem mausoléus suntuosos, se comparados aos cemitérios monumentais de diversas cidades brasileiras, mas estas necrópoles apresentam o que há de mais singular em sua arte funerária. Os castilhos, ao primeiro olhar, podem se apresentar como estruturas aparentemente simples, considerando as suas formas, mas este artefato funerário, ao ser depositado sobre a sepultura, adquire valores simbólicos importantes, pois trazem em suas formas elementos das atitudes dessa sociedade diante da morte e do morrer. Essa relação de cuidado constante com a sepultura, observado na confecção dos gradeados e trançados coloridos e nas diversas datas em que tais espaços são visitados e cuidados, revela-se como parte importante da cultura e da arte funerária da sociedade amapaense.

Referências

- BORGES, Maria Elizia; CASTRO, Elisiana Trilha. *Uma complexa simplicidade: registro da diversidade e da criatividade arquitetônica popular nos cemitérios brasileiros*. Florianópolis : Impressul, 2002.
- BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930): ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary art in Brazil (1890-1930): italian marble caver cra in Ribeirão Preto – bilíngue* 2. Ed. – Goiânia: Gráfica UFG, 2017.
- _____, Maria Elizia. Expressiones artísticas de cuño popular en cementerios brasileños. In: VIÑUALES, Rodrigo Gutiérrez (diretor). *Arte latino-americano del siglo XX. Otras historias de la Historia*. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2005.
- CANCLINI, Néstor García. *Arte popular y sociedad en América Latina*. México: Grijalbo, 1977.

_____. Culturas híbridas. Poderes oblíquos. In: *Culturas híbridas – estratégicas para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CASTRO, Elisiana Trilha. *O patrimônio cultural funerário catarinense*. Florianópolis: FCC, 2017 - (Coleção Horizontes do Patrimônio Cultural; v.1). - Coleção Horizontes do Patrimônio Cultural. Florianópolis: FCC, 2017.

CATROGA, Fernando. *O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos*. Coimbra: Minerva, 1999.

CYMBALISTA, Renato. *A cidade dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. Editora Fapesp; 2002.

LEITE, Helio Garcia; GAMA, João Ricardo Vasconcellos; CRUZ, Jovane Pereira da and SOUZA, Agostinho Lopes de. *Função de afilamento para Virola surinamensis (Roll.) Warb*. Rev. Árvore [online]. 2006, vol.30, n.1, pp.99-106.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Origem histórica dos cemitérios*. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da prefeitura do município de São Paulo, 1977.

MENDONÇA, Maria Silvia de; FRANÇA, José Ferreira; OLIVEIRA, Andréia Barroncas; PRATA, Ressiliane Ribeiro; AÑEZ, Rogério Benedito da Silva. Etnobotânica e saber tradicional. In FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto, PEREIRA, Henrique dos Santos, WITKOSKI, Antônio Carlos. (Orgs.) *Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História, São Paulo, v.10, p. 7-28, dez. 1993.

WOLFF, Egon e Frieda. *Sepulturas de Israelitas – II. Uma pesquisa em mais de trinta cemitérios não israelitas*. Rio de Janeiro; 1983.

Como citar:

SILVA, Tiago Vargas da. Os túmulos castilhos do Amapá: uma análise reflexiva a partir da decolonialidade. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1220-1230, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.099>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>